



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III- OSMAR DE AQUINO  
CENTRO DE HUMANAS  
CURSO DE PEDAGOGIA**

ADRIANA VARELO DE OLIVEIRA

**CAMINHOS E MUDANÇAS NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES/AS  
DA ESCOLA TIRADENTES MARI/PB**

GUARABIRA-PB

2013

ADRIANA VARELO DE OLIVEIRA

**CAMINHOS E MUDANÇAS NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES/AS  
DA ESCOLA TIRADENTES MARI/PB**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção de Licenciada em Pedagogia.

Orientador (a): Rita de Cassia Cavalcante

GUARABIRA-PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

O325r Oliveira, Adriana Varelo

Caminhos e Mudanças na formação de Educadores/as da Escola  
Tiradentes Mari/PB / Adriana Varelo Oliveira. – Guarabira: UEPB,  
2013.

20 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)  
Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof<sup>a</sup>. Ma. Rita de Cássia Cavalcante.

1. Educação do Campo 2. Formação Continuada 3.  
Formação de Educadores. I. Título.

22.ed. CDD 370

ADRIANA VARELO DE OLIVEIRA

**CAMINHOS E MUDANÇAS NA PRÁTICA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES/AS  
DA ESCOLA TIRADENTES MARI/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação de  
Pedagogia na Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento à exigência  
para obtenção do grau de Licenciada em  
Pedagogia.

Aprovada em 09/09/2013

Rita de Cássia Cavalcanti

Prof<sup>ª</sup> Ms. Rita de Cássia Cavalcante /DE/UEPB

Orientadora

Ana Célia Silva Menezes

Prof. Ms. Ana Célia Silva Menezes/RESAB/PPGE/UFPB

Examinador

Ana Claudia da Silva Rodrigues

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Claudia da Silva Rodrigues/ DE/UFPB

Examinadora

Ao meu c4njuge, Benedito Rodrigues do Nascimento,  
pela dedica74o, companheirismo e amizade, DEDICA.

## AGRADECIMENTOS

À Mônica Guedes, coordenadora do curso de Pedagogia, por seu empenho.

À professora Ms. Rita de Cassia Cavalcante pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Aos meus colegas professores que trabalham comigo, pela compreensão por minha ausência nas reuniões de trabalho.

A minha mãe Marli (*in memoriam*), e ao meu pai (*in memoriam*) fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força.

Aos professores do Curso de Pedagogia da UEPB, em especial, Rita de Cassia, Maria José, Ana Célia e Luciana Nascimento, que contribuíram ao longo de dez semestres, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

“Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e as suas circunstâncias.”

PAULO FREIRE

# CAMINHOS E MUDANÇAS NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES/AS DA ESCOLA TIRADENTES MARI/PB

OLIVEIRA, Adriana Varelo<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a formação dos professores/as da Escola Municipal Tiradentes, no Assentamento Tiradentes, Município de Marí – Paraíba. A intenção principal é demonstrar como vem se desenvolvendo a prática pedagógica na Educação do Campo, possibilitada a partir da formação continuada dos/as professores/as, em parceria com a UFBP, enfatizando o fazer pedagógico e a metodologia de ensino. A metodologia de análise partiu dos portfólios trabalhados no ano letivo de 2012, das entrevistas realizadas com cinco professores que atuam na Educação infantil (Ensino Fundamental - primeira fase da pré-escola ao 4º ano) e que participaram da formação e das oficinas pedagógicas e do projeto político pedagógico da escola. Revelando a possibilidade de realizar uma prática pedagógica que demonstra a identidade dos alunos com a educação do campo, que está intimamente ligada com a sua história como filhos de agricultores, reconstruindo suas próprias percepções educacionais e metodologias pedagógicas, fortalecendo uma educação que analise a sua especificidade dos conhecimentos e que representem sua pluralidade cultural, sua diversidade de saberes e conhecimento, pautados no respeito, na valorização, no reconhecimento da comunidade. Um olhar crítico que articula os saberes dos próprios sujeitos que se encere na formação do indivíduo contribuindo com o desenvolvimento educacional de cada um e fortalecendo os seus direitos individuais e coletivos

**Palavras-chave:** Educação do Campo. Formação Continuada. Sujeitos. Saber.

## 1-INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo, analisar a formação dos professores/as da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Tiradentes, localizada no Assentamento Tiradentes, no Município de Marí, no Estado da Paraíba.

A história da escola está ligada à luta pela terra e em prol da Reforma Agrária, e assim, ligada a dois fatores importantes. Primeiro corresponde a um demanda política do MST de dispor escolas nos seus acampamentos, logo que são formados. A origem da Escola Tiradentes também está relacionada às preocupações de militantes e familiares que, ao terem em sua companhia e da responsabilidade, muitas crianças, queriam vê-las na escola em busca do conhecimento que, na perspectiva do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra que é necessário e importante para um movimento social que faz história e tem projeto de futuro.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia/UEPB/CH/DE  
Email: adriana varelo@hotmail.com



O foco principal do trabalho é demonstrar como vem se desenvolvendo a formação da Educação do Campo, possibilitada através da formação do professor/a, do fazer pedagógico e da metodologia de ensino, da qual fomos nos apropriando e percebendo o papel desempenhado pelo professor na formação do sujeito do campo.

Essa formação se concretizou no período de 2011 a 2012, onde, durante o processo, entendemos que a Educação do Campo deve ser pensada de forma diferenciada, ou como disse Costa (2012, p. 126)

A Educação do Campo está intimamente ligada aos fundamentos da Educação Popular, contribuindo no processo de educação das pessoas que vivem e trabalham no campo, para que se encontrem, organizem e assumam a condição de sujeitos na direção de seus destinos, sendo participantes ativos, valorizando seu processo histórico.

No processo de formação, entendemos que atuar como educador/a no território camponês, implica em perceber que a escola não é o único espaço formativo e que os sujeitos também se educam no roçado, no centro de cultura do assentamento, nos encontros dos sem terrinha, nas reuniões da associação entre outros. A intenção desse novo padrão de educar o campo, constitui-se em fazer com que o sujeito seja capaz de transformar a sua realidade, e assim, contribuir no processo de transformação da comunidade em que vive.

No entanto, nosso foco inicial de discussão dessa temática estabeleceu seus primeiros ensaios no componente curricular Educação do Campo, em que fomos entendendo que para educar o campo precisaríamos de um modelo diferenciado, que abordasse temas vinculados as situações concretas desses sujeitos. Nossas referências teóricas sobre a temática, culminaram, principalmente, voltadas para esta modalidade de ensino, que foi sendo reformulada e melhorada diariamente durante todo o processo de nossa prática de educação do campo.

Desde o primeiro momento em que iniciamos os trabalhos - como professora na escola do Assentamento Tiradentes, no município de Mari, no ano de 2011 - deparamo-nos com uma nova proposta de educação, que por sua vez, foca a formação do sujeito como base fundamental da formação humana, associando a realidade cotidiana do aluno com a sala de aula e transformando sua realidade em conhecimento técnico, condizente com a necessidade de aprendizagem do indivíduo campesino.

No processo de formação, percebemos que a identidade desses sujeitos se consolidava de acordo com o que tínhamos trabalhado no componente de Educação do Campo na universidade, porém, o aprofundamento teórico/metodológico de como por em prática esse fazer educativo em sala de aula não era suficiente. Ao nos depararmos com essa prática de

educação, observamos que estava faltando um conhecimento mais intenso e diretamente ligado às questões do campo e fomentamos a discussão do referido assunto com todos os professores/as da escola durante o processo de formação.

Durante os debates, a fim de compreender melhor o processo metodológico da Educação do Campo, surgiram as seguintes questões: Como trabalhar uma metodologia de educação sem uma formação (capacitação) específica na área? Que metodologia utilizar na sala de aula? Como trabalhar com temas geradores e ao mesmo tempo com conteúdos relacionados a cada série (ano)? O que e como trabalhar uma pedagogia que considere a identidade e as características do povo do campo?

A partir do ano de 2007, a Escola Tiradentes, foi agregada a um projeto de formação de professores/as ligado à Universidade Federal da Paraíba –UFPB, que tinha como objetivo contribuir para a construção do Projeto Político- Pedagógico das escolas do campo, bem como a melhoria do processo ensino-aprendizagem que nelas se efetuava por meio da formação continuada dos professores/as. Durante nossa participação na formação continuada, discutimos sobre a concepção do sujeito no campo, além de adentrarmos em temáticas específicas de trabalho nesta área, passamos a trabalhar com temas geradores, dentre os quais, alguns obtiveram destaque: *a luta e conquista da terra, a agricultura familiar, meio ambiente e prática de leitura, escrita do campo.*

Outra especificidade evidenciada na formação continuada com os professores/as se refere ao seu modelo de organização escolar, onde podemos citar o calendário, adaptado ao trabalho na agricultura (plantio, colheita, etc.) dentre outras adaptações no cotidiano.

Foi perceptível, durante as formações, no processo de estudo conceitual, que a Educação do Campo compreende os sujeitos do campo como possuidores de conhecimentos práticos e que o campo é seu espaço de vida.

Assim, a educação deve ser entendida como uma formação *NO* e *DO* campo. Isso na opinião de Caldart (et.al), 2002, p.25/26), *NO*: porque entende-se que a população tem direito a receber educação educado na localidade onde reside; *DO*: porque todo indivíduo tem direito a uma educação elaborada de acordo com seu lugar, e planejada com a participação deste indivíduo, vinculada à sua cultura e suas necessidades humanas e sociais.

A clareza do lugar social que a educação pode ocupar na construção de um projeto de desenvolvimento de vida - neste caso, a vida do camponês – demonstra que a educação tradicional não seria a solução do camponês, mas sim, um modelo educacional associado a um conjunto de ações políticas e culturais, combinada a um projeto de reforma agrária, onde a população local tenha a possibilidade e o direito de receber uma educação voltada à sua

realidade, sendo também, participativa, numa relação bilateral, onde a educação se molda ao espaço deste indivíduo, sua cultura e suas necessidades.

De acordo com Caldart (1997, p.60), a escola do MST é:

Aquela que se faz lutar do movimento dessas pedagogias, desenvolvendo atividades pedagógicas que levem em conta o conjunto das dimensões da formação humana. É uma escola que humaniza quem dela faz parte. E só fará isso se tiver o ser humano como centro, como sujeito de direitos, como ser em construção, respeitando as suas temporalidades.

Assim, propor uma metodologia diferenciada, convém avaliar esse sujeito e todo o seu processo de aprendizagem, analisando os saberes da escola associados aos que ele aprende fora do ambiente educacional regular, somando ao seu desempenho escolar, aquilo que vem da própria comunidade.

Sem esta parceria *escola - comunidade* torna-se impossível um trabalho que proporcione mudanças na compreensão do que seja educar no campo. Assim como a escola Tiradentes vem trabalhando, abalizando uma nova concepção de educação, que tem como base a luta e a conquista de uma educação de qualidade que potencialize cada indivíduo de acordo com seu espaço geográfico, associado a busca por melhorias de acordo com a forma de viver no campo.

Durante a análise das questões anteriormente elaboradas, pudemos perceber que o camponês tem sido capaz de transformar o seu espaço, sua cultura, e; encontrar na educação, um meio que o ajude a entender que no campo existe um sujeito que estabeleceu formas de resistência e luta para obtenção do acesso a terra e a melhores condições de vida.

Através desse contexto é possível perceber que esta prática educativa pode fazer toda a diferença, tanto para o aluno que está em sala de aula, como para o professor que esta lecionando na escola, que por sua vez necessita de capacitação e adaptação a uma nova realidade durante o seu processo de docência.

O docente necessita por em prática, não somente, o que aprendera na universidade, mas uma forma diferenciada de ensino, voltada para a realidade do campo. O que exige do professor um tempo maior de pesquisa e adaptação durante a elaboração das aulas que privilegie a realidade da comunidade onde a escola está inserida.

Precisamos compreender que espaços como o campo, necessitam de um novo olhar por parte do educador, que privilegie esta modalidade de educação. Uma educação voltada a compreensão do contexto cultural e social da localidade onde a escola esta inserida. Uma escola que se organiza em torno de considerar as diversas formas de aprendizagem do aluno,

onde toda prática educativa está associada a profissionais capacitados e materiais pedagógicos apropriados à realidade do campo.

## **2 MUDANÇAS HISTÓRICAS LEGAIS QUE INFLUENCIARAM A ESCOLA E A EDUCAÇÃO DO CAMPO ATUAL**

Todo referencial metodológico presente na escola é/foi fruto de todas as discussões acumuladas nos vários espaços construtores de uma nova concepção de educar o campo, seja no campo da legislação nacional ou nos diversos encontros e conferências.

Se situarmos a Constituição Brasileira de 1988, no seu artigo 205 a educação é direito de todos: *“... e dever do estado e da família será promovida e incentivada com a colaboração as sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”*.

Além disso, a Constituição, no seu artigo 206, prevê como um dos princípios para ministrar o ensino: *“a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”*. Entendemos que nem sempre, este direito é garantido ao homem (aluno) do campo, uma escola que favoreça a educação desse sujeito dando-lhe oportunidades e condições igualitárias sem que seja preciso locomover-se por quatro, cinco ou mais quilômetros para conseguir uma condução para a escola, o que muitas vezes, determina-se como um dos fatores que contribuem para a evasão escolar desses alunos.

De acordo com a LDB, Lei: 9.394/96, a mesma previa que, a Educação do Campo deveria ser diferenciada em sua proposta curricular, seus conteúdos e metodologias de ensino para que fossem adaptadas à realidade do campo.

O ART. 26º, diz que:

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Assim, o currículo de cada estabelecimento de ensino deve considerar a especificidade local, percebendo e contemplando as influências da sua cultura e economia, conferindo poder a escola para trabalhar de forma diferenciada, promovendo conhecimento e alternativas que condigam com as expectativas do alunado e da comunidade local.

Já no ART. 28º, refere-se que:

Na oferta de educação básica para a educação, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à suas adequações, às peculiares idades da vida rural e de cada região, especialmente:

I- conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II- organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

III- adequação à natureza do trabalho na zona rural;

A continuação de todo esse debate se retoma com o I ENERA - Encontro de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária, realizado em Brasília em 1997, organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST em parceria com diversas entidades, como a Universidade de Brasília - UNB, o Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF, a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciências e Cultura – UNESCO e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB. Durante o evento, foi lançado um desafio aos educadores/as com o objetivo de: pensar a educação pública para o povo do campo, levando em consideração o seu contexto em termos públicos, econômicos, sociais e culturais. Sua maneira de conhecer o tempo, o espaço, o meio ambiente e a produção, além da organização coletiva, questões familiares, trabalho, dentre outros.

A I Conferência Nacional, realizada em Julho de 1998, promovida pelo MST, UNICEF, pela UNESCO, CNBB e UnB teve um papel significativo no retorno das discussões sobre a educação da população que vive no campo, estabelecendo ênfase a uma nova referência para o debate e a mobilização popular. Uma nova conceituação sobre o que se entendia como educação rural ou educação para o meio rural para *Educação do Campo*. Nessa Conferência reafirmou-se que “o campo é um espaço de vida digna e que é legítima a luta por políticas públicas específicas e por um projeto educativo próprio para seus sujeitos” (Caldart, 2004, p, 14).

O foco dos debates dos grupos de trabalho referiam-se as dificuldades de organização da escola no campo, especificamente quanto: a falta de escolas para atender a todas as crianças e jovens do campo; a infraestrutura das escolas; a falta de uma política de valorização do magistério; o apoio às iniciativas de renovação pedagógica escolar; de financiamento; currículos deslocados das questões do campo e dos interesses dos seus sujeitos; docentes sem qualificação necessária para exercer a profissão; os mais altos índices de analfabetismo e por fim, também foi denunciado que a nova geração está passando por um processo de reeducação contra vida no campo, perdendo sua identidade, suas raízes e seu projeto de futuro. Decerto que, as crianças e jovens tenham o direito de aprender a sabedoria dos seus antepassados,

produzindo assim, novos conhecimentos para a permanência no campo, bem como, a necessidade de atender a um direito histórico, o da educação.

É a partir da I Conferência, que a escola do campo incorpora uma nova visão de educação, estabelecida para construir uma nova realidade capaz de desenvolver os sujeitos que vivem no campo. Uma educação que garanta uma culminância entre realidade e necessidade, sendo capaz de interagir com o meio e desenvolver as diferentes práticas de aprendizagens. Uma concepção educacional que dê conta de interpretar a realidade e compreender as necessidades do indivíduo, articuladas e cultivadas na família, escola, formação política dos movimentos e das bases fundamentais para o desenvolvimento educacional do educando.

### **3 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

A formação continuada dos profissionais de educação básica (Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental), da Escola Tiradentes se deu frente ao projeto de formação da Universidade federal da Paraíba – UFPB, cujos objetivos eram: Suscitar reflexões a partir da prática pedagógica do professor, viabilizando o movimento Ação-Reflexão-Ação, subsidiando teoricamente a discussão e a elaboração das propostas pedagógicas curriculares da educação do campo e sua metodologia de ensino, além de identificar a qualificação (formação) do professor atuante. Esse projeto teve início em 2007 com o objetivo de contribuir para a construção do Projeto Político- Pedagógico da Escola e por um período, após a formulação do projeto, a formação parou e foi retomada em 2012 com a formação dos docentes.

Ao iniciar o trabalho como professora na escola Tiradentes, foi percebido que a metodologia de ensino que a escola trabalhava era diferenciada das demais escolas que já trabalhei, pois trabalhavam com temas geradores, o que demandava muito esforço por parte dos profissionais que atuavam na escola, haja vista que em sua maioria, os professores não tinham formação adequada para atuação docente voltada à Educação do Campo.

Como uma orientação inicial - que já era fruto das formações anteriores - a supervisora em um dos planejamentos, nos entregou um *Portfólio*, que depois de analisado foi possível observarmos que a sua organização era em eixos curriculares, delimitando como deveriam ser desenvolvidos os vários temas geradores, que deram origem aos subtemas, trazendo significado aos estudos dos alunos e moradores do assentamento Tiradentes.

Tais temas foram sugeridos em articulações desenvolvidas crescidas entre escola e moradores e debatidas junto aos professores para que pudessem ser acrescidas a sala de aula, juntamente com os alunos. A inclusão desses conteúdos no currículo da escola vem sendo trabalhada e aprimorada pelos professores da escola, desde o ano de 2008, quando a escola passou a adotar a nova Proposta Curricular ( Educação do Campo).

No ano de 2012, a formação continuou em parceria com a UFPB, com o objetivo de trazer informações sobre a Educação do Campo e como desempenha-la nas series iniciais do Ensino Fundamental. A intenção desta parceria era a de aprimorar um currículo contextualizado com a educação desses sujeitos, desde a elaboração das estratégias pedagógicas, tornando-os capazes de solucionar questões inerentes à realidade do educando e seus processos de aprendizagens.

A formação ainda objetivava dar apoio aos educadores/as que atuam junto a comunidade, no que se refere a otimizá-los diante da utilização dos saberes de seu cotidiano, a exemplo, o uso sustentável dos recursos naturais, através da observação das lavouras, da comunidade, da plantação de uma horta e do trato com o solo.

Essa formação possibilitou aos professores/as, a ampliação de conhecimentos e aprofundamentos via estudos e oficinas pedagógicas. Os encontros de formação aconteciam uma vez por mês, o dia inteiro. Durante a manhã discutíamos as questões relacionadas ao tema gerador em estudo, eram feitas leituras de aprofundamento da temática, após essas leituras, levantava-se questões que serviam de referência para a preparação de atividades.

No período da tarde era planejado atividades determinadas para serem desenvolvidas em sala de aula, respeitando os níveis de ensino de cada docente. Sistematizando os eixos temáticos com seus referidos conhecimentos e conteúdos de cada bimestre. Cada encontro era estudado um tema gerador a ser trabalhado no bimestre. No primeiro bimestre, foi trabalhado a *Nossa Produção - Agricultura Familiar*, no segundo, *Meio Ambiente*, no terceiro, *História de Luta e Conquista do Assentamento Tiradentes* e no quarto e último, *Práticas de Leitura e Escrita no Campo*.

Partindo dos temas, eram realizadas oficinas, construindo jogos, brincadeiras e aulas de campo relacionadas aos temas em estudo em torno de melhorar o trabalho com os alunos na sala de aula.

Assim, iniciou-se uma nova trajetória na escola Tiradentes, possibilitando uma nova visão do que se trata a escola na perspectiva de um movimento social, em que, consideramos os aprendizados oriundos de outras práticas educativas (da vida, da roça, do círculo de cultura,

do trabalho da associação). Este novo olhar contribuiu para o desenvolvimento criativo dos professores, facilitando o ensino na sala de aula.

O resultado desta formação, quando questionado a uma educadora se o trabalho com temas geradores trouxe mudança na sala, foi confirmado que sim, entretanto, apontava dificuldades:

[...] a formação contribuiu bastante no sentido de nortear o nosso trabalho com relação aos temas geradores... Mas há dificuldades. Apenas um ponto dificulta nosso trabalho, é em relação ao planejamento. Não dispomos de tempo suficiente, devido a nossa carga horária de trabalho em municípios diferentes (Educadora A).

Outra Educadora, ao ser questionada sobre a sua formação inicial e se essa formação preparou-a para o ensino em Educação do Campo, mencionou que sendo formada em computação, afirmou que teria sido a primeira vez que ouviu tratar-se sobre Educação do Campo, o período em que iniciara seu trabalho como educadora na Escola:

Sou formada na licenciatura Computação. E essa área não contribui, pois como sabemos, a Educação do Campo só foi citada como uma política pública em 2001, ou seja, sempre tivemos uma formação que nos norteou para uma educação voltada às populações urbanas e que defendia os valores de uma sociedade urbano-industrial. (A Educadora C).

Enquanto outro educador, mesmo formado em Letras, afirmou que:

Na época em que cursei a universidade, não tinha nenhuma disciplina voltada a Educação do Campo. (Educador E).

Percebermos nessas falas, a necessidade premente de formação continuada e o quanto o que tem sido feito, tem favorecido o entendimento de uma proposta de Educação do Campo, ajudando tantos aos professores/as da prática educativa, quanto influenciando os alunos/as a cultivar uma aprendizagem pautada nas suas raízes, seus valores e memórias, que, por sua vez, facilita os processos de ensino/aprendizagem.

Noutro momento da entrevista, quando perguntamos se as contribuições do trabalho realizado com os temas geradores enriqueciam as questões curriculares e a prática pedagógica. A educadora afirma:

Os temas geradores contribuem sobremaneira na formação de nossos alunos, visto que o estudo parte da sua realidade, possibilitando aos mesmos, conhecerem vários outras realidades, através das pesquisas, dos projetos culturais, movimentos sociais entre outros. (Educadora A)

A realização do trabalho com os temas geradores - como mesmo mencionou a educadora - contribuem para o fortalecimento da cultura dos sujeitos, e assim, podemos criar condições que favoreçam a aprendizagem dos alunos.



Faz-se necessário pensar que a escola é um ambiente no qual o aluno é capaz de concentrar todas as suas experiências pessoais na construção do conhecimento e na condução da solução de um determinado problema. Essa forma de educar torna o estudante um pesquisador, capaz de investigar sua própria realidade e descobrir novos conhecimentos.

Outra educadora, questionada sobre o mesmo tema, afirmou que:

A principal contribuição que a Educação do Campo e os temas geradores trazem para os alunos do campo é a valorização da sua identidade campesina e o estudo de conteúdos vinculados a sua realidade de vida do campo. (Educadora C)

Refletir como se deve desenvolver essa prática pedagógica na realidade, parte do preceito que essa perspectiva de fortalecimento da Educação do Campo delimita-se como uma área própria de conhecimento e tem papel fundamental na vida do cidadão, que por sua vez, desconstrói a dicotomia entre o campo e a cidade. É ajudar a construir, desde a infância, uma nova visão de mundo, onde busca-se compreender o contexto social e cultural através de conteúdos significativos, garantindo a melhoria da inserção de debates em sala de aula entre alunos e professores, possibilitando recriar as condições necessárias a sua formação enquanto sujeito, capaz de ser construtor da sua própria sociedade.

É com esta visão que, uma educadora afirma a relação do trabalho com a metodologia proposta na formação dos educandos:

Os temas geradores trazem uma contribuição significativa para os alunos, visto que, foram sugeridos pelos moradores e aglutinam conteúdos que são necessários para compreender a vivência no e /do campo. (Educadora D)

Ao analisar as falas até aqui colocadas, percebemos que o trabalho com essa pedagogia, ajuda-nos a entender que os métodos empregados para ensinar na escola do campo, na grande maioria das escolas, fragmenta o processo de compreensão do conhecimento prévio de cada educando.

É possível observarmos também que, para o processo de aprendizagem ser eficiente, este depende das orientações do professor, que deve estimular e motivar o aluno a expressar seus sentimentos, curiosidades e até mesmo, desenvolver suas habilidades não antes demonstradas, como o desenvolvimento de suas capacidades e criatividade, avançando na construção de novos conceitos do saber –aprendizagem.

Porém, a formação inicial dos professores/as que atuam na Educação do Campo, não contempla a especificidade para o trabalho no Ensino Fundamental (séries iniciais), mesmo as formadas em Pedagogia, uma vez que, como já mencionamos, a educação que é desenvolvida

nos centros de formação de professores, em sua maioria, não teve nenhum contato inicial com a temática *Educação do Campo*, como afirmam duas educadoras, quando questionadas sobre sua formação inicial:

Sou formada em Pedagogia, mas jamais tive qualquer experiência nessa área, apesar de já estar na rede de ensino a mais de 20 anos, para mim, foi uma experiência totalmente desconhecida. (Educadora A)

Sou formada em Letras, mas na minha formação não tive contato com a Educação do Campo, o meu primeiro contato com a Educação do Campo foi na Escola Tiradentes. (Educadora B).

Somente através da formação continuada, foi possível percebermos que a formação do educador/a tem um papel fundamental na construção do projeto político-pedagógico na Educação do Campo. Onde é possível a discussão entre a teoria e a prática na medida em que atuam como sujeitos pedagógicos na formação de novos sujeitos, capazes de transformar o cenário em que atuam.

O que identificamos, através da atuação como educadora da referida escola; e com toda a formação, é que a relação família/escola tem um papel fundamental, pois é a partir da ajuda deles que a escola desenvolverá seu trabalho, formando o aluno para a realidade cotidiana e para compreender a natureza, a si mesmo, passando a dinamizar as intervenções no meio ambiente, conceituando e interpretando os fenômenos da natureza como sendo parte do seu cotidiano.

Entre os critérios exigidos para exercer a docência nas escolas de Ensino Fundamental, nos seus projetos pedagógicos, conforme a LDB 9.394/96, devem assumir essa modalidade de educação, professores com ensino superior/magistério e devem conter em seus projetos pedagógicos, professores/as capacitados/as, além de oferecer-lhes condições teóricas, metodológicas e práticas para que os educadores/as em formação possam tornar-se agentes efetivos na construção e reflexão das propostas da escola. Embora na realidade não seja exatamente isso que aconteça nas escolas, por existirem diferentes níveis de curso de licenciatura e graduação plena, advindos de diferentes áreas que atuam na modalidade de Educação Básica (1ª fase - nos cinco anos iniciais do ensino fundamental.), um descompasso em relação ao que é definido por lei e que demonstra uma realidade prática diferenciada.

Esta mesma lei, estabelece que a disposição do currículo pode estar organizada por etapas presenciais, equivalentes a semestres de cursos regulares como regime de alternância entre tempo-escola e tempo-comunidade, para permitir o acesso e permanência dos estudantes na escola (tempo-escola) e a relação prática-teórica-prática, vivenciada nas comunidades do

campo (tempo-comunidade), favorecendo o processo de ensino-aprendizagem, tanto por parte dos alunos, como por parte dos professores.

Mesmo que haja toda uma reflexão em torno de mudanças na escola do campo, especificamente, a formação do professor, que tem aumentado nas últimas décadas para aqueles que atuam no Ensino Fundamental (anos iniciais), conforme reflete o Panorama da Educação do Campo (MEC/INEP, 2007, p. 33/36), ainda destaca-se a necessidade de ações efetivas focadas na expansão do quadro, na formação profissional adequada e na formação continuada associada aos seus projetos pedagógicos, além da permanência de profissionais qualificados nas salas de aula das escolas rurais, aproveitando essa formação e experiências de ensino e outras atividades em torno de aprimorar o ensino nas salas de aulas.

Assim, a Educação do Campo que vem sendo desenvolvida nessa escola, está sendo escrita a partir do cotidiano escolar e transformada pelo reposicionamento dos educadores/as nas suas práticas e na valorização dos saberes e experiências dos alunos/as.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É possível concluir que a Escola do Campo é fruto de toda uma luta travada pelos movimentos sociais do campo, que almejam uma Educação voltada para o desenvolvimento humano, e através desse segmento vem ganhando um papel fundamental na agenda governamental, pelo menos em termos de legislação, bem como vem fazendo com que as instituições de formação, mais nas licenciaturas, iniciem discussões de como contribuir para a construção de um currículo diferenciado para esta população.

A Educação do Campo representa uma proposta homogenia das classes trabalhadoras para a formação dos sujeitos do campo, isso significa compreender uma escola diferente para atender esses trabalhadores/as, especialmente os assentados/as. É pensar essa escola como um espaço de transformação e socialização dos saberes. É fundar um novo jeito de fazer escola, onde as práticas educativas estejam ligadas as suas lutas, família, comunidade. Modelo no qual, o que grupo produz no assentamento possa fazer parte do processo de desenvolvimento da aprendizagem dos alunos/as e, conseqüentemente, do desenvolvimento sustentável da comunidade.

Entendemos que, a partir dessa nova visão, a Educação do Campo tem construído um conceito que sustenta uma possibilidade de reconstrução na área educacional. Conduzindo a relação de ensino/aprendizagem para a ampliação que se sustente numa qualificação maior do

aluno no processo escolar e que amplie o que ele aprende na escola ligado ao que aprende na comunidade.

Entretanto, o que podemos observar é que, a maioria das escolas acaba se tornando uma *fábrica*, na qual, o aluno é moldado e transformado em produto para o mercado de trabalho. Por sua vez, as escolas que atuam com a Educação do Campo, trabalham atuando direta e indiretamente com a comunidade onde a escola esta inserida, fazendo um trabalho social e desenvolvendo o interesse dos alunos em relação ao meio em que vivem.

Na Educação do Campo, acredita-se no potencial reflexivo e crítico do processo de ensino-aprendizagem, centrado na construção do saber, através de pesquisas didáticas envolvidas com sua realidade, de modo que, fortaleça a cidadania e transforme a construção do conhecimento em algo que tenha significado para a aprendizagem de vida do aluno.

O/a educador/a preocupa-se com a formação do mesmo, desde as primeiras experiências educacionais, tornando-se um mediador entre a aprendizagem e o conhecimento prévio do aluno, de modo significativo, pois o aluno é entendido como portador de conhecimento, e não apenas um mero receptor. Existe nessa prática pedagógica, uma inteira reflexão entre o que se aprende e o que se pratica.

E a partir dos encontros de Formação foi possível sincronizar a formação inicial dos professores com a realidade da Educação do Campo, que sua vez procura trabalhar com a metodologia do movimento do MST, onde a escola passa a fazer parte do cotidiano do aluno e se preocupa com a inclusão no seio da família e da comunidade.

O/a educador/a deve participar ativamente do processo de investigação e reflexão junto com o alunos/as, desenvolvendo com eles, experimentações. Potencializando-o em diversas discussões, influenciando o aluno em torno da auto realização de novos caminhos e técnicas necessárias para a socialização do conhecimento. Tornando este, construtor de saberes, valorizando sua criatividade em sala de aula. O que significa, influenciar a sociedade sobre o entendimento de que existe uma nova forma de enxergar o campo e o estudo na Educação do Campo.

## **ABSTRACT**

The present article aims to analyze the teacher education of the Municipal School Tiradentes in Tiradentes Settlement, on the Municipality of Marí - Paraíba. The main intention is to demonstrate how this is increasing the pedagogical practice in Rural Education, made possible from the continuing education of the teachers, passeria with in UFPB emphasizing pedagogical making and teaching methodology. the methodology for analysis came from the portfolios, worked in the school year of 2012 interviews made with five teachers that act in early childhood education (elementary school-the first phase of pre-school to 4th year) and with workshop participants in pedagogical education and projet political pedagogical of the school. Revealing the possibility of

a practice of conducting a pedagogical practice that shows identity with the Countryside Education, is closely connected with its history as children of farmers, rebuilding their students own methodological and pedagogical educational perceptions, strengthening a Teach to analyze their rebuilding their own educational concepts and pedagogical methodologies, strengthening an education that consider the specificity of knowledge which represent their cultural plurality, diversity of knowledge and comprehension, guided on respect, appreciation, recognition from the community. A critical eye that articulates the knowledge of the subjects that fall under the training of the individual contributing to the educational development of each and strengthening their individual and collective rights.

**Keywords:** Countryside Education. Continuing Formation. Individuals. Wisdom.

## 5 REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. Fernandes, Bernardo Mançano. A educação básica e o movimento social do campo – Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 1999. Coleção Por Uma Educação do Campo, nº 2 .

BATISTA, Maria do Socorro Xavier. COSTA, Luciélino Marinho da. Plantando a Educação em escola de assentamento rural através de temas geradores. In: HAGE, Salomão Mufarrej. ROCHA, Maria Isabel Antunes (organizadores). Escola de direito: reinventando a escola multisseriada,- Belo Horizonte: Autentica editora, 2010.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

CALDART, Roseli Salette. *Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. CERIOLI, C. Paulo Ricardo. Kolling, Edgar Jorger. (organizadores) Educação do Campo: identidade e políticas públicas– Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 2002. Coleção Por Uma Educação do Campo, nº 4 .

CARTILHA EDUCAÇÃO DO CAMPO – direito de todos os camponeses e camponesas- via campesina-Brasil, 2006.

CAVALCANTE, Rita de Cássia. *Aprendizes da Terra: a voz e a resistência do MST na Paraíba*, Dissertação de Mestrado, pela Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2002.

FERNANDES, Bernardo Mançano. *Por uma educação básica do campo*. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1999b: 55-70. (Coleção por uma educação básica do campo nº 2).

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Panorama da Educação do Campo- Brasília, 2007.

JESUS, Sonia Meire Santos Azevedo de. MOLINA, Mônica Castagna.(organizadoras). Contribuições para a construção de um projeto de Educação do campo– Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 2004.

KOLLING,J. Edgar. MOLINA,Mônica Castagna. NÉREN, Irmão (org.). A educação básica e o movimento social do campo. por uma Educação Básica do Campo. Ed. Universidade de Brasília- 1999.

KOLLING, Edgar; CASTAGNA, MÔNICA. (Org.). *Por uma Educação do Campo*. 1ª ed. Brasília/DF: Articulação Nacional, 1999.

LEITE, Sérgio Celani. *Escola rural: urbanização e políticas educacionais*. São Paulo: Cortez, 1999.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA – MST. Setor de Educação e Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária – IERRA, Gráfica Editora Pelres LTDA, nov, 2003. SANTOS, Manoel da Conceição, SOARES, Paula Elise Ferreira, ANTUNES, Wilkie Buzatti (orgs), *Chão de minha Utopia*, Belo Horizonte: Editora/UFMG, 2010.

MEC - Ministério da Educação e Cultura. REFERENCIAL PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES/Secretária de Educação Fundamental- Brasília, a secretária,1999.

MEC - Ministério da Educação e Cultura. *Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo*. Ministério da Educação: Secretaria de Inclusão Educacional. Brasília: Resolução CNE/CEB, nº 01 de abril de 2002.

MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sônia Meire S. Azevedo de. (Orgs.). *Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo*. Brasília, DF: Articulação Nacional, 2004.

MORISSAWA, Mitsue. *A história de luta pela terra e o MST*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

**SITE:**

SANTOS, Ramofly Bicalho- Historico da Educação do Campo no Brasil, 2012. Disponível em:< <http://www.educampo.Ufsc.br/wordpress/seminário/files/2012/01/Bicalho-dos-santos.pdf>> acesso em:01 de setembro de2013 as 14:30 hs.



9) A sua formação lhe preparou para ensinar na educação do campo? Justifique.

---

---

---

---

10) Como se dá a formação continuada dos professores nessa escola? Em que tem ajudado?

---

---

---

---

---

---

---

---

11) Existe planejamento na escola? Como é trabalhado?

---

---

---

---

---

12) O que você acha da metodologia adotada pela escola Tiradentes? Justifique.

---

---

---

---

---

---

13) A formação lhe ajudou com o trabalho com os temas geradores? Você tem dificuldade de trabalhar com eles? Quais?

---

---

---

---



14) Quais as contribuições que os temas geradores trazem para a formação dos alunos do campo?

---

---

---

---

15) Você pretende ter alguma formação voltada para Educação do Campo? Justifique.

---

---

---

---